

Mesa e varal

Um recado e um molho de coentro: a mesa sabia de tudo.
O pingente e a boneca de pano: cada canto escutava uma rima.
Vou confessar e varrer o quintal.
Se chover, desisto e me caso com um amigo.
Faço um vestido e um filho.
A cidade vai caber no jornal.
E eu vou ao cinema, esperando a legenda.
Não deu tempo de virar a mesa.

Para as páginas: cicatrizes.
Milagres dos riscos, dizendo adeus...

Adormecidas línguas das lavadeiras
Que viram o rio fugir,
Deixando meandros ressecados de prosa,
Silenciados pela areia.

O que me diz a máquina de lavar?
Roda minhas rendas,
Desfiando as pontas.
Tonteia minhas roupas,
Repetindo a mesma ordem.

Curtos varais.
Poucas cores penduradas.
O vento não se diverte.

Hoje é dia de chuva para a despedida
E chove uma chuva rouca, quase suja.
São enterradas as imundícies:
Fantasmas de infância, desejos secados, amores cruéis.
Imundo foi o dia sem volta.
A dança solitária coberta de terra.
Nem semente, nem raiz.
A tarde nunca ficou muda.
Jardins inventados para túmulos
Tão tristes como este brinquedo.
Trovoadas – céus reclamam por corpos.
Aquele enterrado é meio gordo, meio magro.
Quero enterrá-lo sem que morra.
Quero vê-lo dançando, sempre gerúndio.
A terra engole seus últimos beijos sem perdão.
Enterrarei querendo agradecer-me com a perda.
Tenho que tê-la inteira para prosseguir.
Enterro é o fim deste agora.